



Relato de Experiência Formativa: A Importância das Brincadeiras na Alfabetização no Segundo Ano do Ensino Fundamental I

Áreas: Humanas, Letras e Artes

Heloisa Toshie Irie Saito¹, Thais Rosana Leite da Silva², Julia Karolaine Alves Godoi³

¹Profa. Depto de Teoria e Prática da Educação – DTP/UEM, htisaito@uem.br

²Aluna de Graduação, contato: ra126403@uem.br

³Aluna de Graduação, contato: ra126403@uem.br

Resumo. *O presente relatório tem como objetivo uma reflexão da experiência formativa que foi vivenciada no campo do estágio docente realizado na turma do segundo ano do Ensino Fundamental I. Elaboramos as análises para essa etapa da educação com base nos autores Soares (2004), Gontijo et. al. (2020), Carvalho e Araújo (2022) e Ferreira e Zen (2022) tendo como âncora a brincadeira no processo de alfabetização tomando como eixo os direitos de aprendizagem para este ano escolar, garantindo a participação de todas as crianças, independentemente de suas limitações ou dificuldades, sejam elas motoras, intelectuais, sensoriais e/ou relacionadas a distúrbios.*

Palavras-chave: *Experiência Formativa. Brincadeiras. Alfabetização.*

1. Introdução

Conforme Soares (2004), o estágio supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental é uma fase crucial para a formação dos futuros pedagogos, pois permite a aplicação prática dos conceitos teóricos aprendidos ao longo do curso.

Deste modo, o estágio permite que os futuros pedagogos observem e participem do desenvolvimento dos processos de leitura e escrita em crianças, analisando diferentes estágios da evolução da escrita, no qual, para Ferreira e Zen (2022, p.3), o maior interesse nos debates no Brasil tem no cerne os períodos silábicos e os “momentos evolutivos que antecedem e seguem este período (silábico inicial e silábico-alfabético)”.

Durante o estágio realizado na Escola Municipal Ayrton Plaisant, situada em Maringá, Paraná, sob a orientação da professora Dr.^a Heloisa Toshie Irie Saito, buscamos implementar práticas pedagógicas que promovessem um aprendizado inclusivo, garantindo a participação de todos os alunos, independentemente de suas dificuldades ou limitações, conforme sugerem Carvalho e Araújo (2022).

As intervenções pedagógicas planejadas tiveram como foco o desenvolvimento de habilidades específicas, considerando a importância do lúdico no processo de



alfabetização, conforme apontado por Gontijo et al. (2018).

2. A sala de aula: campo de estágio

A turma em que o estágio foi realizado foi o 2º Ano A, constituída por 27 alunos. Essa turma contempla três alunos do Público-Alvo da Educação Especial (PAEE), dois alunos com transtorno do espectro autista (TEA), um deles contém uma professora de apoio exclusiva, dado que esse aluno é não verbal. O outro aluno com TEA têm acompanhamento, porém a professora de apoio atende ele e outra aluna com deficiência nas pernas e no âmbito cognitivo.

Na turma tem 12 alunos alfabéticos, 8 silábicos alfabéticos, 4 silábico com valor e 2 pré silábicos que são alunos de inclusão. Quanto à professora regente, formou-se em pedagogia com ênfase na gestão escolar na UNISSA em 2005, atua na área há 30 anos.

2.1. Organização do trabalho pedagógico

Durante as observações realizadas no estágio, pudemos notar que a professora regente desenvolvia as aulas conforme o planejamento enviado pela SEDUC. As aulas seguiram um formato padrão, iniciando com a leitura de um texto informativo relacionado ao conteúdo do dia, seguido por atividades que os alunos realizavam e colavam no caderno.

O arranjo das carteiras da sala variava em alguns momentos, mas na maior parte do tempo, permaneciam em fileiras tradicionais. Atentamos que na maioria das aulas, a professora adotava uma abordagem mais expositiva, com pouca interação ou atividades dinâmicas. As participações dos alunos se restringiam, na maioria das vezes, a responder perguntas pontuais.

3. Intervenção pedagógica

Conforme Soares (2004) a alfabetização não se restringe ao aprendizado mecânico da leitura e escrita, mas envolve um processo amplo que inclui o desenvolvimento de práticas de letramento significativas, que se integram de maneira indissociável ao contexto social e cultural em que o aluno está inserido. Soares (2004) enfatiza a necessidade de superar a visão fragmentada da alfabetização, adotando uma abordagem que valoriza o letramento como uma prática social indispensável para o pleno desenvolvimento das competências da leitura e escrita. A autora sugere que, ao considerar a alfabetização e o letramento como processos interdependentes, o ensino se torna mais eficiente, pois a criança passa a compreender a funcionalidade da leitura e da escrita em diferentes contextos.

Ferreiro e Zen (2022) complementam essa visão ao destacarem a importância de o professor compreender as particularidades dos processos cognitivos subjacentes à aquisição da escrita no contexto brasileiro. Em seu estudo longitudinal com crianças de 4 a 6 anos, os autores identificaram que os níveis de evolução psicogenética da escrita,

como o pré-fonetizante, silábico e alfabético, apresentam características específicas no português brasileiro, especialmente no uso precoce de letras consonantais, com ou sem pertinência sonora. Esse comportamento é interpretado à luz da diversidade de vogais no português brasileiro, que cria uma assimetria em comparação com outras línguas, como o espanhol. A compreensão dessas especificidades é essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais adequadas e inclusivas, que respeitem o ritmo de aprendizagem de cada aluno e promovam uma alfabetização significativa.

Nessa perspectiva, o planejamento das aulas foi iniciado durante as observações, considerando o conteúdo proposto pela SEDUC e as orientações fornecidas pelas professoras supervisoras do estágio obrigatório.

No primeiro dia de intervenção, como indicado por Ferreiro e Zen (2022), que salientam a importância de proporcionar experiências concretas para a construção do conhecimento, abordamos os movimentos do planeta

Terra com atividades práticas que incentivassem a curiosidade e o envolvimento dos alunos. Utilizamos uma maquete para ilustrar os movimentos de rotação e translação, mostrando como eles influenciam a alternância entre o dia e a noite. As crianças foram convidadas a participar ativamente, pesquisando em revistas imagens que representavam os diferentes períodos do dia. Essa abordagem permitiu que os alunos experimentassem de forma lúdica e visual os conceitos propostos, promovendo uma aprendizagem mais significativa e ativa.

No segundo dia, conforme recomendado por Soares (2004), que destaca a necessidade de integrar o ensino sistemático com atividades de letramento, abordamos o conceito de horas e como elas se relacionam com as atividades sociais cotidianas. Apresentamos o relógio analógico e explicamos seu funcionamento de maneira didática, utilizando jogos e atividades práticas, como a construção de um “relógio vivo”, de modo que as crianças representavam as horas com os próprios corpos, facilitando a compreensão dos conceitos abstratos de tempo e período. Além disso, promovemos uma dramatização, na qual os alunos realizaram pequenas cenas representando as atividades realizadas em cada período do dia, o que, segundo Ferreiro e Zen (2022), estimula a reflexão crítica e relaciona com o cotidiano da criança.

Por fim, todo o processo de planejamento e execução das aulas foi orientado pela metodologia histórico-crítica, que, segundo Carvalho e Araújo (2022), visa não apenas transmitir conhecimentos, mas desenvolver nos alunos uma visão crítica e reflexiva sobre o mundo. Nossas atividades foram cuidadosamente pensadas para estimular o questionamento e a participação ativa dos alunos, permitindo que eles não apenas compreendessem os conteúdos, mas também refletissem sobre sua importância e aplicação em suas vidas diárias. Como resultado, observamos um maior envolvimento dos alunos, que se sentiram encorajados a expressar e expressar suas ideias, consolidando o aprendizado de maneira participativa.

5. Considerações finais

A experiência formativa vivenciada durante o estágio docente na turma do 2º



ano do Ensino Fundamental I permitiu uma reflexão profunda sobre a importância de práticas pedagógicas que vão além da simples transmissão de conhecimento. Com base nos autores Soares (2004), Ferreiro e Zen (2022), e Carvalho e Araújo (2022), ficou evidente que a alfabetização deve ser desenvolvida como um processo amplo e complexo, que envolve uma integração de práticas de letramento significativo ao contexto social e cultural dos alunos.

O desenvolvimento das intervenções pedagógicas focadas na ludicidade, conforme apontado por Gontijo et al. (2018), mostrou-se eficaz para promover um aprendizado mais ativo e participativo. As atividades realizadas, como o uso de maquetes para ilustrar os movimentos da Terra e a construção de um "relógio vivo", proporcionaram aos alunos a oportunidade de explorar os conteúdos de forma concreta e visual, facilitando a compreensão de conceitos abstratos e tornando o aprendizado mais envolvente, significativo e adequado ao contexto de cada estudante, possibilitando uma maior retenção do conhecimento e contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos.

Além disso, a aplicação da metodologia histórico-crítica, conforme sugerida por Carvalho e Araújo (2022), possibilitou a criação de um ambiente que incentivou o desenvolvimento de uma visão crítica e reflexiva nos alunos. As atividades planejadas foram pensadas para fomentar o questionamento e a participação ativa, permitindo que os alunos refletissem sobre sua relevância e aplicabilidade em suas vidas.

O estágio, portanto, destacou a importância de uma abordagem pedagógica que respeitasse o ritmo de aprendizagem e as especificidades de cada aluno, garantindo a inclusão e a efetividade do processo educativo. A experiência proporcionou um aprendizado profundo sobre a prática docente, reforçando o papel essencial do professor como mediador do conhecimento e agente transformador.

7. Referências

CARVALHO, Larissa Ribeiro Viana de; ARAÚJO, Elaine Sampaio. Letramento Matemático, um olhar a partir da BNCC. **Revista Cocar**, Belém, v.16, n. 34, p.1-19, 2022. Disponível em:<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4852/2361>. Acesso em: 29 mai. 2024.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes; COSTA, Dania Monteiro Vieira; PEROVANO, Nayara Santos. Alfabetização na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Proposições**, Campinas, v. 31, e20180110, p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/SSfgKgXvXK5VDq6GqfGfwhK/?lang=pt>. Acesso em: 22 mai. 2024.

FERREIRO, Emília; ZEN, Giovana Cristina. Desenvolvimento da escrita em crianças brasileiras. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 18, n. 49, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/10975>. Acesso em: 10 jul 2024.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Pátio**: Porto Alegre, v. 8, p. 18-22, 2004.